

O parvovírus suíno (PPV) é um importante vírus causador de transtornos reprodutivos, e apesar da prática comum de vacinação, vários aspectos epidemiológicos permanecem obscuros. O estudo foi realizado com 100 nulíparas suínas e três leitoas de suas respectivas leitegadas, finalizando com 188 leitoas. Foram realizadas três coletas de sangue das nulíparas: a) entre 160 e 190 dias de idade, antes da 1ª dose da vacina contra PPV; b) 14 dias após a 2ª dose da vacina; c) no dia do parto. Nas fêmeas da leitegada (progênie), foram realizadas 6 coletas de sangue: logo após o parto, antes de mamar o colostro; aos 7, 21, 55, 85 e 120 dias de idade. As amostras foram avaliadas pelo teste de ELISA indireto e a análise estatística foi descritiva. Como resultados, na 1ª coleta (a) muitas fêmeas apresentaram anticorpos (AC), concluindo-se que estes são oriundos de infecção, pois ao comparar com a 6ª coleta da progênie, 97,9% não apresentaram AC. Apesar de 100% das nulíparas possuírem AC após a 2ª dose da vacina, não se pode afirmar se estes são oriundos da vacinação ou infecção, bem como se os AC apresentados anteriormente interferiram na resposta humoral. Já ao analisar o perfil de AC da progênie, todos foram negativos na 1ª coleta, atingiram o pico máximo na 2ª coleta, e no momento do desmame, aos 21 dias, os AC começaram a decair, chegando quase a nulidade aos 85 dias de idade. Estes dados são diferentes dos apresentados na literatura até o momento, os quais afirmam que a imunidade passiva persiste até 3 a 7 meses de idade. Os títulos de AC apresentados pelas fêmeas no momento do parto foram proporcionais à resposta passiva da leitegada. Mesmo fêmeas com títulos baixos conferiram proteção suficiente à progênie a fim de evitar a infecção, ressaltando a importância da vacinação.